

## UM CONVITE A “NOVAS ESTÉTICAS ENSINANTES E APRENDENTES” COM JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN NO MUSEU DO AMANHÃ<sup>1</sup>

Dagmar Mello e Silva<sup>2</sup>

Ana Catarina Ayres Chometon Oliveira<sup>3</sup>

Débora Feldman Pedrosa Mascarenhas<sup>4</sup>

Karen Suzane Silva<sup>5</sup>

### Resumo

O presente trabalho reúne pontos de “intercessões” “entre” pesquisadores da Universidade Federal Fluminense cujo interesse está voltado à autonomia de pensamento de pessoas com deficiência intelectual, mais especificamente pessoas com a Síndrome de Down. Trata-se do relato de uma Experiência realizada no Museu do Amanhã com um grupo de cinco jovens. Essa visita teve como objetivo realizar uma experiência filosófica de pensamento, na qual foi possível concluir que a proposta do Museu do Amanhã se constitui em um dispositivo que pode suscitar reflexões filosóficas que são fundamentais para a compreensão de nossa condição humana e se apresentam como uma rica experiência de pensamento que possibilita, a esses jovens, processos de reorganização de seus padrões de compreensão do mundo e da vida.

**Palavras Chave:** Síndrome de Down. Experiência Filosófica. Museu do Amanhã

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no V Congresso Internacional 2017 - com algumas alterações - Educação, Inclusão e Inovação, em Lisboa.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal Fluminense, lotada no Departamento de Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação. Professora do Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão no Instituto de Biologia da UFF. E-mail: dag.mello.silva@gmail.com

<sup>3</sup> Jornalista, especialista em mídia-educação e em educação à distância, mestranda em Educação na linha de pesquisa de “Diversidade e Inclusão” pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: catarina.chometon@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda do Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão da Universidade Federal Fluminense - UFF. Possui especialização em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio e formação de psicólogo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. E-mail: dfpmascarenhas@gmail.com

<sup>5</sup> Estudante de Cinema e Audiovisual, graduada em Educação Física. E-mail: kakasuzane@yahoo.com.br

## AN INVITATION TO ORIGINALS AESTHETICS OF TEACHING AND LEARNING WITH YOUNG PEOPLE WITH DOWN'S SYNDROME AT THE MUSEU DO AMANHÃ

### **Abstract**

The following paper presents intersectional points of view from a group of researchers from the Fluminense Federal University whose interests are towards the autonomy and freedom of thinking of people with intellectual disability, more specifically, people with Down's syndrome. This is an experiment report made in the Museum of Tomorrow with a group of five young adults. The goal of the visit was to create a philosophical experiment of thought, in which was possible to conclude that the Museum of Tomorrow's purpose is to be a device that brings philosophical considerations that are fundamental to understand our human condition and presents itself with a rich thinking experiment that enables those young adults to reorganize their standard processes to understanding the world and life itself.

**Key words:** Down Syndrome. Philosophical Experiment. Museum of Tomorrow

### **O princípio de tudo**

O mais das vezes, as vidas seguem seu caminho como os rios. Por vezes, saem de seus leitos, sem que nenhum motivo geológico, nenhum traçado subterrâneo permita explicar essa cheia ou esse transbordamento. A forma subitamente desviante, desviada, dessas vidas é de plasticidade explosiva.

Catherine Malabou, 2014

Na obra de Catherine Malabou da qual tiramos a epígrafe de entrada desse escrito, a autora nos fala de uma Plasticidade Destrutiva. Algo dissonante daquilo que a Ciência, a Educação ou mesmo a Arte comumente consideram sob uma condição hilemórfica produtivista<sup>6</sup>, seja de forma ou de recepção.

Pensamos como Malabou, quando ela considera que o termo plasticidade vem sendo concebido como uma construção que faz de nós sujeitos de uma história

---

<sup>6</sup> A alusão ao termo foi um recurso metafórico à lógica vigente nas sociedades capitalistas, em que o ser deve estar em conformidade com determinadas habilidades e competências a fim de cumprir determinadas demandas funcionais. Nessa perspectiva, a plasticidade cerebral é considerada pela Neurociências e demais campos de estudos afins, como a capacidade que o cérebro tem em se remodelar em função das necessidades e dos fatores do meio ambiente.

reconhecível, produtiva, identificável com os outros que convivem entre nós e que nos são comuns. “A ninguém ocorreria a ideia de entender sob a fórmula “plasticidade cerebral””, por exemplo, o “trabalho negativo da destruição” (...) “A deformação das conexões neuronais e a ruptura das ligações cerebrais não são consideradas em neurologia como casos de plasticidade”. (MALABOU, 2014, p. 12)

Nesse artigo pretendemos tratar de pessoas que se constituem existencialmente por essa “Plasticidade Destrutiva”, pessoas que ao serem atravessadas por um acontecimento - um acidente inesperado; que por uma simples deriva aleatória, por uma Ontologia do acidente - estão entre nós.

Pessoas que justamente por serem o que são e como são interrompem os percursos naturalizados das formas inteligíveis. Formas estas que dão sentido a uma existência mediada pelo plano das identidades e das representações que subordinam as diferenças às normas.

Estamos falando de pessoas cujos “corpos sem órgãos” (CsO) recusam os sistemas fechados que organizam nossos corpos para que funcionem como máquinas destinadas a realizarem determinados fins, capturando nossos desejos.

O organismo não é o corpo, o CsO, mas um extrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil [...] O CsO grita: fizeram-me um organismo! Dobraram-me indevidamente! Roubaram meu corpo! O juízo de Deus arranca-o de sua imanência, e lhe constrói um organismo, uma significação, um sujeito. É ele o estratificado. Assim, ele oscila entre dois polos: de um lado, as superfícies de estratificação sobre as quais ele é rebaixado e submetido ao juízo, e, por outro lado, o plano de consistência no qual ele se desenrola e se abre à experimentação (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 21, v.3).

Nesse ponto estamos com Deleuze para quem o ser não pode ser pensado como permanência ou imobilidade, fim em si mesmo. Para esse filósofo francês o ser é refratário a qualquer tipo de subordinação, posto que ele se diz justamente na

diferença. Trata-se de “tirar a diferença de seu estado de maldição”. (DELEUZE, 1988, p.44)

Caminhando com Malabou e Deleuze, desejamos compartilhar como temos pensado, em nossas pesquisas, como algumas alteridades “amaldiçoadas” por essa plasticidade destrutiva, esse acidente que desvia o ser de uma ordenação normatizada, podem explodir com os universos de identidades e representações, produzidas por uma racionalidade pautada nos modelos Platônico e Aristotélico que encarceraram o pensamento ocidental em dualismos sob os quais, mesmo quando nos colocam lado a lado, alguns sempre estarão do lado de dentro e outros do lado de fora. Posto que sempre há a possibilidade de se escapar para um tempo/espço de “um poder de explosão plástica ontológica e existencial da subjetividade e da identidade que nunca recebeu ele próprio uma identidade”. (MALABOU, 2014, p 14)

Nossas pesquisas vêm procurando pensar essas alteridades “amaldiçoadas” por uma Ontologia do acidente que, ao insurgirem em nossas vidas, como acontecimento irreconhecível, nos colocam em confronto com a faceta destrutiva da plasticidade que perturba fortemente o universo das representações inteligíveis, aniquilando com qualquer reconciliação com o mesmo. Uma Ontologia do acidente é, por isso, uma Ontologia da Diferença onde:

Somente a morte é capaz de deter esse potencial plástico, cujos truques nada pode esgotar e que jamais chega por si mesmo “ao fim de seu repertório. [...] Todas as mutações nos são possíveis em princípio, imprevisíveis e irreduzíveis a uma gama ou a uma tipologia. Nossos possíveis plásticos na realidade jamais terminam. (MALABOU, 2014, p 16)

### **O Ponto de Intercessão<sup>7</sup>**

É preciso aceitar introduzir a álea como categoria na produção dos acontecimentos. Aí também se faz sentir a ausência de uma teoria que permita pensar as relações entre o acaso e o pensamento.

---

<sup>7</sup> Os Intercessores estão no encontro *entre forças* que mobilizam o pensamento. A partir deles é que se criam problemas, pois eles nos instigam. Podemos dizer que sem os Intercessores, o pensamento não age, não inventa, não cria.

Foucault, 1996

Estamos cientes, tal qual Gagnebin (2005), que “a pluralidade dos sujeitos ameaça, certamente, a paciente edificação de símbolos e de práticas seculares”.

Porém:

Esse endereçamento do *Logos* não significa somente uma dispersão infinita do sentido; também pode significar sua abertura essencial para outras línguas. [...] Aqueles que se indignam não mais aceitam ser despojados de línguas tão numerosas, que nos restam inventar. (GAGNEBIN, 2005, p.46)

Não estamos com isso nos limitando a celebrar a diferença, mas sim pensá-la, ou melhor, pensar a diferença a partir daquilo que ela pode produzir como potência, estremecendo o pensamento, explodindo com todo e qualquer pré-conceito, qualquer categorização, classe ou estrutura que a submeta a uma ordem discursiva que coloca sob o seu domínio formas de existências pré-concebidas.

O ponto de convergência de nossos interesses de estudos dispara seus vetores para o estudo das práticas de si de jovens com Síndrome de Down, tomando como alvo comum entender como esses jovens podem destruir com os cárceres previsíveis da alteridade “destituindo a diferença de sua maldição”. Como suas presenças podem “introduzir a álea como categoria na produção dos acontecimentos”, produzindo linhas de fuga para escapar dos determinismos que fazem com que uns já estejam naturalmente incluídos e outros precisem da produção de discursos para passarem para o lado de dentro.

Seria possível criarmos uma relação de alteridade que privilegie a exposição ao fora e ao *entre forças*, escapando dessa prescrição sob a qual tudo que está fora precisa estar dentro? Ao exporem seus pensamentos, suas visões de mundo, esses jovens teriam o poder de produzir os efeitos de uma plasticidade destrutiva? Suas aparições teriam força suficiente para fazer ver ao “ser outro a si mesmo”? (MALABOU, 2014, p 17)

### **Sobre nosso percurso...**

Assim, após expormos os fundamentos que colocam em sinergia nossos pensamentos, daremos prosseguimento à narrativa da experiência que nos conduziu a essa escrita de múltiplas mãos.

Seguindo a trilha aberta por Foucault ao realizar sua crítica a um modo histórico de se estabelecer a verdade, nossas pesquisas pretendem transitar pelos caminhos que ele nos deixou, sinalizando nossos movimentos em direção a uma “ontologia histórica de nós mesmos”. Ou seja, pensar como os sujeitos se relacionam com a verdade a partir de práticas que funcionam como dispositivos resultantes de campos de forças, seja através de discursos científicos, seja através de uma linguagem normatizada ou mesmo sob práticas institucionais coercitivas. Essa parece ser uma tarefa imprescindível para Foucault, mas que também tomamos como compromisso de nossas pesquisas, posto que desvelam questões relacionadas à subjetividade, à ética e à liberdade que se confrontam e se religam em jogos de saber/poder onde campos de forças estão em disputa permanente.

Portanto, nossa intenção com a atividade, que estamos a relatar e que se constituiu em uma proposta comum para nossas pesquisas, consistiu em apresentar um dispositivo que proporcionasse a alguns jovens com Down uma experiência de pensamento livre desses jogos de verdades, para que pudessem falar sobre o que pensam de si e da vida.

Nesse sentido convidamos um grupo de pessoas com Síndrome de Down a uma visita ao Museu do Amanhã.

### **O Museu do Amanhã**

O Museu do Amanhã nasce com a proposta de se constituir um importante equipamento público de Cultura da cidade do Rio de Janeiro e, desde sua concepção, reinaugura uma área historicamente importante de nossa cidade que se

encontrava degradada<sup>8</sup>. A transformação desse novo espaço urbano integrou a história da cidade através da cultura e do lazer de maneira inovadora.

Assim, o Museu do Amanhã foi criado para se tornar o ícone que potencializa esta série de inovações na região do Porto com o intuito de aproximar a população de temas relacionados às ciências e tecnologias.

Segundo Oliveira (2015), a proposta do Museu do Amanhã se diferencia da maioria dos museus na medida em que se propõe apresentar vivências que desencadeiem experiências estéticas, sensoriais e, por isso mesmo, ele pode ser considerado “um museu vivo”, singular na forma como produz relações entre presente e passado na direção de um futuro plural. Suas exposições permanentes trazem consigo um convite à reflexão e à experiência do humano através dos pressupostos éticos da convivência e da sustentabilidade. Aqui, o paradigma do amanhã não está localizado cronologicamente, ou seja, em algo linear, vazio de sentidos, que caminha para frente sem estabelecer relações que se conectam com o passado, tampouco situado numa perspectiva progressista de futuro. O amanhã é hoje, como nos apresenta o site do museu:

O Amanhã não é uma data no calendário, não é um lugar aonde vamos chegar. É uma construção da qual participamos todos, como pessoas, cidadãos, membros da espécie humana. E por que um Museu do Amanhã? Porque vivemos em uma nova era, em que o conjunto da atividade humana tornou-se uma força de alcance planetário. Somos capazes de intervir na escala de moléculas e de continentes. Manejamos átomos e criamos microrganismos artificiais. Desviamos o curso de grandes rios, alteramos florestas, influenciamos a atmosfera, transformamos o clima. Habitamos um planeta que vem sendo profundamente modificado por nossas ações. Que amanhãs serão gerados a partir de nossas próprias escolhas? (OLIVEIRA, 2015, p.15)

As exposições do Museu do Amanhã se apresentam em linguagens diversificadas: filmes, imagens, sons que, em interatividade, produzem experiências que marcam, impactam a todos. Partindo de questões filosóficas tais como: De onde

---

<sup>8</sup> Foi realizada uma série de intervenções na região para que a população pudesse se apropriar desse espaço, como a inauguração do MAR (Museu de Arte do Rio), do VLT (Veículo Leve sobre Trilhos) e do Boulevard Olímpico, que integra, junto ao Museu do Amanhã, a recuperação urbana da Praça Mauá.

viemos? Quem somos? Onde estamos? Para onde vamos? Como queremos ir? O visitante é provocado a ressignificar o seu hoje e repensar seu cotidiano, suas escolhas e seu lugar no mundo, estabelecendo relações de alteridade de modo a reconhecer e legitimar a diversidade que constitui o humano.

Por se basear em valores éticos de sustentabilidade e cidadania, um dos focos do Museu é a acessibilidade. Ele traz em sua infraestrutura pisos táteis, rampas, cadeiras de rodas e banheiros adaptados. Também apresenta acervo com escrita em braille e intérprete de Libras para momentos em que são necessárias explicações sobre as exposições. Constitui ainda este arcabouço, voltado para a acessibilidade, o Programa Educação que apresenta “uma agenda de atividades para pessoas com deficiência e suas famílias, além de visitas mediadas para grupos escolares e não escolares onde o diálogo é pautado pela diversidade e inclusão” (Museu do Amanhã, s.d.).

## **Experiência**

Nós temos atrás de nós um infinito de tempo. Nós temos, para frente de nós, outro infinito de tempo. Nós somos um pequenino fôlego entre dois infinitos. Isso é a vida: a vida é isso. Mas é exatamente esse pequenino fôlego - entre dois infinitos - que é capaz de pensar. Pensar, inclusive, esses dois infinitos!

Cláudio Ulpiano

Nosso trabalho buscou focar a primeira ala da exposição principal do Museu, denominada Cosmos. Essa experiência pretende provocar nos visitantes questionamentos a respeito de nossa origem na Terra sobre aquilo que somos e o que nos constitui. Por meio do recurso audiovisual em 360 graus, com tecnologia 3D, os usuários podem experimentar imagens que provocam sensivelmente o pensamento a partir de narrativas e imagens que relatam desde a explosão Big Bang, que deu origem



ao universo, passando pelo desenvolvimento das primeiras formas de vida no Planeta Terra até chegar em nós, seres humanos.

“De onde viemos?” “Quem somos?” São perguntas com muitas respostas e que sempre estiveram presentes no imaginário humano. No museu essa questão é colocada como convite ao pensamento daquele que vivencia a experiência do Cosmos, como perguntas abertas, onde cada um ressignifica suas concepções por sentidos próprios.

Somos o vazio. Somos tempo e espaço. Somos luz. Somos energia. Somos matéria. Somos átomos. Somos o Universo. O Universo está constantemente se desdobrando. Se desdobrando em matéria, e matéria se desdobrando em vida. Vida que é mutação e evolução. Vida que se desdobra em instinto. Vida que se desdobra em pensamento. Pensamento que imagina o Universo. Somos vida. Somos ritmo e movimento. Diversidade. Palavra e silêncio. Somos memórias. Conhecimento. E invenção. Somos Terra. Somos o Universo se desdobrando. Se desdobrando em matéria, matéria em vida, vida em pensamento. Somos o pensamento que imagina o Amanhã, Amanhã que é aqui e agora. (Transcrição do vídeo - Museu do Amanhã - RJ)

Em nossa intervenção tínhamos como perspectiva perscrutar quais pensamentos essas imagens evocam em jovens com Síndrome de Down.

Chegamos ao Museu com grandes expectativas. Éramos um grupo de cinco jovens com Síndrome de Down, duas pesquisadoras de Mestrado, uma aluna da Faculdade de Cinema - bolsista de Iniciação Científica –, além da orientadora das pesquisas desse grupo. Como já havíamos pré-agendado nossa visita, fomos recebidos por representantes da área de Comunicação e Educação do museu. Nosso acesso foi facilitado e o auditório disponibilizado para que realizássemos uma roda de conversas com os jovens.

Os jovens saíram da sala de projeção um pouco tontos, pois as imagens produzem sensações que extrapolam o campo virtual. Saímos de lá direto para o auditório, cheios de expectativas sobre suas “visões de mundo” após aquela experiência.

Antes de darmos continuidade ao relato, gostaríamos de expor como temos trabalhado conceitualmente o termo experiência. Fundamentadas em Larrosa (2001), entendemos que “a experiência é o que **nos** passa, o que **nos** acontece, o que **nos** toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca” (grifo nosso). Mas, defendemos também que - para que uma experiência seja forte, se torne um Acontecimento<sup>9</sup>-, se faz necessário que a intensidade da experiência provoque efeitos no pensamento, produzindo diferença em modos cristalizados de pensar.

Demos início à roda de conversas, perguntando para o grupo o que acharam daquela experiência do Cosmos. Em um primeiro momento as falas dos jovens evocaram certa decepção em nossas expectativas. Em seus relatos, todos muito comovidos (importante ressaltar) falavam sobre suas vidas, seus problemas pessoais, sobre preconceitos e diferenças. Aparentemente tudo nos parecia muito *clichê*.

Em nossas análises, talvez um tanto quanto precipitadas, consideramos que eles não tinham entendido a proposta do filme e até mesmo o que estávamos propondo a eles como debate. Afinal, muito tem sido falado na literatura científica sobre as dificuldades de aprendizagem e linguagem de pessoas com Síndrome de Down. Como tornar tangível uma experiência tão abstrata quanto um vídeo, exibido em uma cúpula semelhante a um planetário, que traz imagens que narram a história da vida no planeta? Nossa pergunta inicial foi “o que vocês entenderam sobre o que foi transmitido naquela sala (de projeção)? A primeira resposta veio de uma das jovens por meio de um relato de sua vida e experiências pessoais. De olhos marejados, contou como era sua família, seu trabalho, onde morava, como era sua relação com os outros, com o namorado e com o irmão que “era doente” e alvo da atenção da família. E assim sucessivamente foram surgindo novos relatos que aparentemente pareciam completamente desconectados da proposta da visita e da pergunta realizada. Mas, ao nos reunirmos para pensarmos mais profundamente aquela experiência e abriremos

---

<sup>9</sup> Aquilo que força o pensamento, “inseparável do sentido das frases e do devir do mundo; é o que, do mundo, deixa-se envolver na linguagem e permite que funcione” (ZOURABICHVILI, 2004, p. 7). São afetos e sensações que rompem com a linguagem instituída, produzindo outras formas de sermos tocados pela vida. O acontecimento tal qual sustentamos aqui nasce do encontro entre forças, algo que se dá na experiência e que força o pensar, que não se dá necessariamente pelas vias da racionalidade lógica e formal. (MARTON & SILVA, 2014)

nossas escutas para além daquilo que nós esperávamos como respostas, passamos a perceber potência naqueles relatos.

Ao lembrarmos de Deleuze (1987), para quem a interpretação foi limitada pela determinação de margens previamente estabelecidas e verificáveis para que se encontre um lugar que dê consistência à mesma, de modo que a interpretação esteja assegurada por critérios de classificação e avaliação que a legitimem, nos demos conta de que toda interpretação deveria, antes de tudo, habitar o sentido e atravessar o corpo. É sob essa via estética que o pensamento deixa de ser uma faculdade para se tornar abertura em relação ao fora; suscitando uma experiência limite. Assim, as vozes daqueles que vem experimentando as breves imagens que já captamos começaram a produzir efeitos em nossos corpos, reafirmando nossa hipótese nessa pesquisa.

Ao estabelecermos uma relação de alteridade que legitimasse aquelas falas, aos poucos fomos percebendo os ruídos dos efeitos daquela experiência em suas vidas. Se nós havíamos suscitado questões a respeito “de onde viemos?” ou “daquilo que somos”, porque não relacionar essas questões com suas próprias experiências pessoais? E foi isso que ficou claro para nós. Aqueles jovens não estavam falando através de uma linguagem formal e objetiva esperada por uma “interpretação limitada pela determinação de margens”. Eles estavam se dizendo por um modo muito próprio e singular. Isso ficou claro no relato de uma outra jovem; também claramente emocionada e visivelmente impactada pela experiência - ela contou sobre a sua infância. Momentos que marcaram sua vida quando ainda era criança, sejam em memórias de brincadeiras com amigos ou em manhas com a mãe. Faz uma bela declaração de amizade à amiga de infância que está a seu lado e ambas se dão as mãos num ato fraternal. Não seria essa sua forma de dizer o que dá sentido à sua vida? Talvez...

... São Histórias que falam sobre o nascimento e da existência dela, e que a seu modo respondiam “de onde ela veio”.

Outra jovem tenta externar em palavras aquilo que sentiu. Ela disse: “Eu senti uma alma na minha vida”. Embora não soubesse explicar objetivamente o que isso significava, ou expressar essa ideia em relação ao filme, ou como ele a fez sentir-se, a

jovem tentou traduzir seus sentimentos através da simplicidade de uma palavra: “Alma”. Palavra que vem do latim “*anima*” e significa também “vida”, “espírito”, “sede do pensamento”. Seria a “alma” uma resposta à pergunta “de onde ela veio?”

Talvez? ...

O efeito que essa explosão sintática produz, faça emergir intensidades que rompem com [...] aquilo que está confinado, desfiando linhas de fuga que trazem à superfície algo que é inexplicável, mas que sabemos do que se trata, porque sentimos, e o que nos passa pelo corpo, atinge o espírito sem que possamos nos abrigar em uma totalidade que expresse esse acontecimento. (SILVA, 2016, p. 6)

Esse encontro foi registrado em vídeo como forma de compartilhar o efeito dessa experiência através dos pontos de vista dos próprios jovens. O curta está disponível, aberto para quem quiser conhecer, em rede vimeo<sup>10</sup>. Esperamos que as imagens em movimento trazidas pelo audiovisual, e que reúnem fragmentos da experiência no museu, se traduzam para o leitor/expectador como imagens-afecção, assim como na expressão de Rachel, a menina que por sua afecção sintetiza sua experiência com uma simples palavra: Alma...

Esse movimento intenso [...] é o movimento da alma. [...] A alma teria um movimento intenso. Ela teria esse movimento. E ela teria o poder de *expressar* esse movimento, ou seja: o movimento intenso da alma não apareceria no mundo da mesma maneira que o movimento da ação — que é o deslocamento de um corpo de um lugar para o outro; nem o movimento pulsional, que é muito parecido com o movimento da ação. Esse movimento intenso *não se atualiza* no corpo — ele *se expressa*. [...] A diferença do movimento intenso para o movimento extenso é que o movimento extenso é o movimento da matéria, é o movimento feito pelos corpos, que saem de um lugar para outro lugar. O movimento intenso é o movimento da alma. [...] ele se expressa. — O que quer dizer expressão? Expressão quer dizer a existência de alguma coisa que está escondida, algo que está

<sup>10</sup>

Vídeo disponível em: <https://vimeo.com/234052815>

escondido e que, por algum sintoma, torna-se visível. Expressão é tornar visível o invisível (ULPIANO, 1995, Aula 6)<sup>11</sup>

## Considerações Finais

Mesmo sendo essa nossa primeira inserção nesse território da pesquisa, podemos projetar que, de tudo que foi dito, vivido e experimentado, consideramos que a experiência com o Museu do Amanhã é um espaço/tempo fértil para que jovens com Síndrome de Down possam estabelecer relações estéticas que lhes suscitem pensar a respeito de suas existências no mundo. E que estas se apresentam como uma rica experiência que possibilitou a esses jovens pensar suas relações com o mundo e suas próprias vidas.

Uma relação que privilegiou a exposição ao fora, ao *entre-forças* opondo-se à tradicional concepção sob a qual o fora é mediado por uma interioridade que resulta em uma nova interioridade. É sob essa estética que o pensamento deixa de ser uma faculdade para se tornar abertura em relação ao fora e que pode suscitar “*novas estéticas ensinantes e aprendentes*”. (SILVA, 2016, p.7)

Essa Experiência inicial nos deu a ver, mesmo que de modo ainda muito cambiante, algumas práticas de si de jovens com Síndrome de Down. Diante de suas “gagueiras<sup>12</sup>”, os jovens que participaram da atividade no Museu, puderam se dizer através de um linguajar que explode com os preconceitos e limitações impostos por uma sociedade que se incomoda com suas presenças, criando suas próprias linhas de fuga para se libertarem de condições que lhes são dadas historicamente, escapando do

---

<sup>11</sup> <https://acervoclaudioulpiano.com/2017/09/11/curso-de-verao-aula-6-31de-janeiro-de-1995/>

<sup>12</sup> No ensaio intitulado “Gaguejou...”, no livro *Crítica e clínica*, Deleuze desenvolve conceitualmente a ideia de uma gagueira criadora. Para ele a gagueira não seria um “erro” do falar, uma deficiência da fala ou um “desvio” de linguagem. Deleuze considerava a gagueira como “estilo”, possibilidade de subversão, transgressão à norma. A gagueira aparece, em Deleuze, como um procedimento de escrita desejado e desejável; um procedimento extremamente potente em termos criativos.

determinismo da anormalidade, reafirmando-se como sujeitos protagonistas de suas histórias.

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. – tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. – Graal, Rio de Janeiro, 1988

\_\_\_\_\_. **Proust e os signos**. Trad. de Antonio Carlos Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. Trad. Piter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996, v.3.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A coragem da verdade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

LARROSA, Jorge Bondia. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. I Seminário Internacional de Educação de Campinas, tradução: GERALDI, João Wanderley. *Leituras SME*, Rede Municipal de Educação de Campinas/FUMEC. SP. Julho de 2001.

MALABOU, Catherine. **Ontologia do acidente: ensaio sobre a plasticidade destrutiva** -tradução de Fernando Scheibe. – Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie, 2014. 72p. – (Coleção Anima)

MARTON, Silmara Lidia & SILVA, Dagmar de Mello. **Escutando crianças: o que elas nos deram a pensar?** *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 20, jul-dez. 2014, pp. 267-282.

OLIVEIRA Luiz Alberto Museu do Amanha Rio Janeiro Edições Rio de Janeiro 2015, disponível em:[https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Livro\\_MdA\\_DIGITAL\\_PORTUGUES.pdf](https://museudoamanha.org.br/sites/default/files/Livro_MdA_DIGITAL_PORTUGUES.pdf) - capturado em 29/03/2017

SILVA, Dagmar de Mello. **Umam tantas coisinhas que aprendi numa língua que não tem nome**. VIII Colóquio Internacional de Filosofia e Educação – UERJ - Rio de Janeiro, 03 a 07 de outubro de 2016.

Recebido em: 17/09/2017

Aceito em: 08/11/2017